

CAPÍTULO VI

A VIDA ESPIRITA

1. Espíritos errantes. — 2. Mundos transitórios. — 3. Percepções e sofrimentos dos espíritos. — 4. Ensaio teórico sobre a sensação dos espíritos. — 5. Escolha das provas. — 6. Relações de além-túmulo. — 7. Relações sympathicas e antipathicas dos espíritos. Metades eternas. — 8. Recordação da existência corporal. — 9. Commemoração dos finados. Funerais.

Espíritos errantes

223. A alma reincarna-se imediatamente depois de separar-se do corpo?

«Algumas vezes imediatamente, mas quasi sempre depois de intervallos mais ou menos longos. Nos mundos superiores a reincarnação é quasi sempre imediata; como nesses mundos a matéria corporal é menos grosseira, o espírito incarnationado goza de quasi todas as faculdades de espírito; o seu estado normal é como o dos somnambulos lucidos.»

224. Qual o estado da alma no intervallo das incarnações?

«Espírito errante que aspira a novo destino; está esperando.»

— Qual a duração desses intervallos?

«Desde algumas horas a alguns milhares de séculos. Demais, rigorosamente falando, não há limite extremo marcado ao tempo de erraticidade, que pode

prolongar-se muito, mas que nunca é perpétuo; o espírito vem sempre a reconhecer, cedo ou tarde, a necessidade de recomeçar uma existência que sirva para o depurar das faltas das existências precedentes.»

— Essa duração está subordinada à vontade do espírito ou pode ser imposta como expiação?

«É consequência do livre arbitrio; os espíritos sabem perfeitamente o que fazem, mas alguns há também para quem isso é uma punição imposta por Deus; outros pedem para prolongá-la afim de continuarem estudos que só no estado de espírito se podem fazer com aproveitamento.»

225. A erraticidade é por si mesma signal de inferioridade dos espíritos?

«Não; pois há espíritos errantes de todos os graus. A incarnação é um estado transitório, como já dissemos; no seu estado normal, o espírito não tem ligação com a matéria.»

226. Pode-se dizer que todos os espíritos que não estão incarnationados se acham no estado errante?

«Os que têm de reincarnar, sim; mas os espíritos puros, que atingiram a perfeição, não são errantes; o seu estado é definitivo.»

Sob o ponto de vista das qualidades íntimas, os espíritos são de diferentes ordens ou graus, que elas percorrem sucessivamente à medida que se depuram. Como estado, podem ser: incarnationados, isto é, unidos a um corpo; errantes, ou desligados do corpo material e esperando nova incarnação para se melhorarem; espíritos puros, isto é, perfeitos, não tendo já necessidade de incarnação.

227. De que maneira se instruem os espíritos errantes? Por certo que o não fazem como nós?

«Estudam o seu passado e buscam os meios de se elevar. Vêem, observam o que se passa nos logares que percorrem; escutam os discursos dos homens

ilustrados e os conselhos dos espíritos mais elevados que elles, e nisto colhem ideias que não possuam.»

228. Os espíritos conservam algumas das paixões humanas?

«Os espíritos elevados deixam com o seu invólucro as más paixões e só conservam a bondade; mas os espíritos inferiores conservam aquellas; do contrário, também seriam da primeira ordem.»

229. Porque é que os espíritos, ao abandonarem a terra, não deixam todas as más paixões, posto que já lhes vejam os inconvenientes?

«Nesse mundo há pessoas que são excessivamente invejosas; pensaes que logo que o deixem perderão esse defeito? Depois da sua partida daqui, e principalmente aquelas que tiveram paixões muito pronunciadas, ainda os envolve uma especie de atmosphera, que lhes mantém todas essas paixões, porque o espírito não está inteiramente desprendido das influencias da vida terrena; só por momentos elle entrevê a verdade, como que para lhe indicar o bom caminho.»

230. O espírito progride no estado errante?

«Pode melhorar-se muito, sempre segundo a sua vontade e desejo; mas é na existencia corporal que elle põe em prática as novas ideias adquiridas.

231. Os espíritos errantes são felizes ou infelizes?

«Mais ou menos, conforme os merecimentos de cada um. Sofrem pelas paixões cujo princípio conservaram, ou são felizes segundo sejam mais ou menos desmaterializados. No estado errante, o espírito entrevê o que lhe falta para ser feliz; é então que busca os meios de o conseguir; nem sempre, porém, lhe é permitido reincarnar-se segundo o seu desejo, o que constitue nesse caso uma punição.»

232. No estado errante podem os espíritos ir a todos os mundos?

«Conforme; quando o espírito deixa o corpo, não fica por isso completamente desligado da matéria;

ainda pertence ao mundo onde viveu, ou a um mundo do mesmo grau, a não ser que se tenha elevado durante a vida — fim ao qual deve tender e sem o qual nunca se aperfeiçoaria. Pode, contudo, ir a certos mundos superiores, mas então é ali como um estranho; pode dizer-se que apenas os entrevê, e é isto o que lhe dá o desejo de se melhorar para ser digno da felicidade gozada nesses mundos e de poder habitá-los mais tarde.»

233. Os espíritos já purificados vêm aos mundos inferiores?

«Vêm frequentemente, assim de ajuda-los a progredir, sem o que, os mundos estariam entregues a si mesmos, sem guias para dirigí-los.»

Mundos transitorios

234. Existem, como nos foi dito, mundos que servem de estações e pontos de repouso aos espíritos errantes?

«Sim; há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que elles podem habitar temporariamente; especie de bivaques de uma longa erraticidade, estado que é sempre um tanto penoso. São posições intermediarias no meio dos outros mundos, graduados segundo a natureza dos espíritos, que lá podem ir e onde gozam de certo bem-estar, maior ou menor.»

— Os espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los quando quiserem?

«Sim, os espíritos que se acham nesses mundos podem dali destacar-se para irem onde tiverem de comparecer. Comparai-os a aves de arribação pousando em uma ilha, afim de descansarem e readquirirem forças para seguirem o seu destino.»

235. Os espíritos progridem durante a sua estada nesses mundos transitorios?

« Certamente; aquelles que assim se reunem é com o fim de se instruirem e de poderem mais facilmente obter permissão para penetrarem em logares melhores, e alcançarem a posição que os eleitos obtiveram. »

236. Os mundos transitorios são perpetuamente, e por sua natureza especial, destinados aos espiritos errantes?

« Não; o seu estado é temporario. »

— E são, ao mesmo tempo, habitados por seres corporaes?

« Não; a sua superficie é esteril. Os que os habitam de nada precisam. »

— Essa esterilidade é permanente e propria da sua natureza especial?

« Não; são estereis por transição. »

— Esses mundos devem então ser desprovidos de bellezas naturaes?

« A natureza traduz-se pelas bellezas da immensidate, que não são menos admiraveis do que essas que chamaes bellezas naturaes. »

— Visto que o estado desses mundos é transitorio, a nossa terra será um dia desse numero?

« Já o foi. »

— Em que época?

« Durante a sua formação. »

Nada é inutil em a natureza; cada coisa tem seu fim, seu destino; o vacuo não existe, tudo é habitado, a vida está em toda a parte. Assim, durante a longa série de seculos que precederam o apparecimento do homem na terra, durante esses lentes periodos de transição attestados pelas camadas geologicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres organicos, sobre esta massa informe, neste arido chaos onde os elementos se confundiam, não havia ausencia de vida; seres que não tinham as nossas necessidades e sensações physicas, ah! achavam um refugio. Deus quiz que, mesmo nesse estado imperfeito, a terra servisse para alguma coisa. Quem ousaria pois dizer que, entre tantos milhares de mundos circulando na immensidate, um só, e dos mais pequenos, perdido no turbilhão, tem o privilegio exclusivo de ser povoado? Qual seria então a utilidade

dos outros? Deus tel-os-ja feito unicamente com o sim de re-crear a vista dos homens? Suposição absurda, incompativel com a sabedoria que se manifesta em todas as suas obras, e inadmissivel quando se pensa em tantos outros mundos existentes fora do alcance da nossa vista. Ninguem contestará que ha nesta ideia de mundos ainda impropios para a vida material e, entretanto, povoados de seres vivos apropriados a esse meio, alguma coisa de grande e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema.

Percepções, sensações e soffrimentos dos espiritos

237. Quando se está no mundo dos espiritos, a alma tem ainda as percepções que possuia nesta vida?

« Sim, e tambem outras que então não possuia, porque o corpo era como que um véo que as obscureria. A intelligencia é um attributo do espirito, mas manifesta-se mais livremente quando este está libreto de obstaculos. »

238. Os espiritos têm percepções e conhecimentos illimitados, isto é, sabem tudo?

« Quanto mais se aproximam da perfeição, mais sabem; si são superiores, sabem muito; os espiritos inferiores são mais ou menos ignorantes ácerca de todas as coisas. »

239. Os espiritos conhecem o principio das coisas?

« Conforme a sua elevação e pureza; os espiritos inferiores não sabem mais que os homens. »

240. Os espiritos comprehendem a duração do tempo como nós?

« Não, e é o que faz nem sempre nos comprehendérdes quando se trata de fixar datas ou épocas. »

Os espiritos vivem fora do tempo, tal como nós o comprehendemos; para elles, a duração se annulla por assim dizer; e os seculos, tão longos para nós, são para elles apenas como instantes que se perdem na eternidade, do mesmo modo que as desigualdades do solo se aplainam e desapparecem para aquelle que se eleva no espaço.

241. Os espiritos têm ideia mais exacta e justa do presente do que nós?

« Pouco mais ou menos como aquelle que vê claro tem ideia mais exacta das coisas do que um cego. Os espiritos vêem o que vós não vedes; julgam de modo diferente do vosso; mas repito mais uma vez, isso depende da sua elevação ».

242. Como é que os espiritos têm o conhecimento do passado? Esse conhecimento não tem limite para elles?

« O passado, quando delle nos occupamos, é presente, exactamente como vós vos recordaes de uma coisa que vos molestou durante o exilio. Com a diferença que nós, como já não temos o véo material que nos obscurece a intelligencia, lembramo-nos de coisas que não podeis recordar; mas nem tudo os espiritos sabem, e entre o que ignoram está em primeiro lugar a sua criação ».

243. Os espiritos conhecem o futuro?

« Também depende da sua perfeição; muitas vezes apenas o entrevêem *mas nem sempre lhes é permitido revelal-o*; quando o vêem, parece-lhes o presente. O espirito vê o futuro mais claramente, á medida que se vai elevando para Deus. Depois da morte a alma vê e abrange de um só olhar *as suas migrações passadas*, mas não pôde vêr o que Deus lhe prepara; para isso é necessário que se consagre inteiramente a elle depois de muitas existencias».

— Os espiritos chegados á perfeição têm conhecimento completo do futuro?

« Completo não é o termo proprio, pois só Deus é o soberano senhor, e ninguem o pôde igualar ».

244. Os espiritos vêem Deus?

« Só os espiritos superiores O vêem e comprehendem; os inferiores apenas O presentem e adivinham ».

— Quando um espirito inferior diz que Deus lhe

prohibe ou permite alguma coisa, como sabe que essa ordem vem de Deus?

« Elle não vê Deus, mas sente-se submettido á sua soberania, e, quando uma coisa não deve ser feita ou uma palavra não deve ser dita, repercute-se nelle, em forma de intuição, advertencia invisivel que Iho prohíbe fazer. Vós mesmos não tendes presentimentos, que são outras tantas advertencias secretas, aconselhando-vos a fazer ou a deixar de fazer certas coisas? O mesmo se dá comosco, com a diferença de ser em grau superior; pois deveis compreender que sendo a essencia dos espiritos mais subtil que a vossa, melhor podemos receber os avisos divinos ».

— A ordem é-lhe transmittida directamente por Deus ou por intermedio de outros espiritos?

« Não lhe vem directamente de Deus; para comunicar com Elle, é preciso ser-se digno. Deus lhe transmitte as suas ordens por espiritos mais elevados em perfeição e instrucção ».

245. A vista, nos espiritos, é circumscripta como nos seres corporeos?

« Não; a vista reside nelles ».

246. Os espiritos necessitam da luz para verem?

« Vêem por si mesmo, sem necessidade de luz exterior; para elles não ha trevas, excepto aquellas em que se podem achar por expiação ».

247. Os espiritos precisam transportar-se para verem em dois pontos diferentes? Podem, por exemplo, vêr simultaneamente nos dois hemisferios do globo?

« Como o espirito se transporta com a rapidez do pensamento, pôde-se dizer que elle vê em toda a parte ao mesmo tempo; o seu pensamento pôde irradiar e dirigir-se ao mesmo tempo a muitos pontos diferentes; mas essa faculdade depende da sua pureza; quanto menos puro fôr, mais a sua vista será limitada; só os espiritos superiores podem abranger um todo ».

A faculdade de ver, nos espíritos, é uma propriedade inerente à sua natureza e que reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso; é uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, que abrange ao mesmo tempo o espaço, os tempos e as coisas, e para a qual não ha trevas nem obstáculos materiais. Comprehende-se que assim devia ser; como no homem a vista se opera pelo funcionamento de um órgão impressionável pela luz, desde que esta lhe falte elle fica na obscuridade; no espírito, sendo a faculdade de ver um atributo próprio, abstrahindo de qualquer agente exterior, a vista é independente da luz. (Vêde *Ubiquidade* n.º 92).

248. O espírito vê as coisas tão distintamente como nós?

« Mais distintamente, pois a sua vista penetra o que a vossa não pôde penetrar; nada a obscurece. »

249. O espírito percebe os sons?

« Sim, e até percebe sons que os vossos sentidos obtusos não podem perceber. »

— A faculdade de ouvir está, como a de ver, em todo o seu ser?

« Todas as percepções são atributos do espírito e fazem parte do seu ser; quando revestido de corpo material, essas percepções só lhe chegam por intermédio dos órgãos, mas no estado de liberdade deixam de estar localizadas. »

250. Sendo as percepções atributos do espírito, pôde este subtrahir-se a elas?

« O espírito só vê e ouve o que quer. Isto é dito em geral, e sobretudo relativamente aos espíritos elevados, pois os imperfeitos ouvem e vêem, muitas vezes contra a vontade, o que pôde ser útil ao seu melhoramento. »

251. Os espíritos são sensíveis á musica?

« Referis-vos á musica terrena? que vale ella comparada á musica celeste, a essa harmonia de que coisa alguma na terra vos pôde dar ideia? Uma está para a outra na razão do canto do selvagem para a suave

melodia. Entretanto, os espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a vossa musica, porque ainda lhes não é dado comprehender outra mais sublime. A musica tem para os espíritos encantos infinitos, em razão de serem muito desenvolvidas as suas qualidades sensitivas; a mim me é dado ouvir a musica celeste, que é tudo quanto a imaginação espiritual pôde conceber de mais bello e suave. »

252. Os espíritos são sensíveis ás bellezas da natureza?

« As bellezas naturaes dos mundos são mui diferentes, e estamos longe de as conhecer. Sim, elles são sensíveis a essas bellezas segundo a aptidão para aprecial-as e comprehendel-as; para os espíritos elevados ha bellezas de conjunto ante as quaes desaparecem, por assim dizer, as bellezas de detalhe. »

253. Os espíritos experimentam as nossas necessidades e sofrimentos physicos?

« Conhecem-nas, porque já passaram por ellas, mas não as experimentam materialmente como vós: são espíritos. »

254. Os espíritos experimentam a fadiga e a necessidade do repouso?

« Não podem sentir fadiga como vós a comprehensiva, e por consequencia não necessitam de repouso corporal, pois que não têm órgãos cujas forças devam ser reparadas; o espírito, porém, repousa no sentido de não estar em actividade constante. O espírito não actua de modo material; sua acção é toda intellectual e o descanso inteiramente moral: quer dizer que ha momentos em que o seu pensamento não é tão activo nem se fixa em determinado objecto; é um verdadeiro repouso, que alias não pôde ser comparado ao do corpo. A especie de fadiga que os espíritos podem experimentar está na razão da sua inferioridade, pois quanto mais elevados são, menos necessário lhes é o repouso. »

255. Quando um espirito diz que soffre, qual a natureza d'esse sofrimento?

«Angustias moraes, que o torturam mais doridamente que os sofrimentos physicos.»

256. Como é então que alguns espiritos se queixam de frio ou de calor?

«E' uma recordação do que sofreram em vida, tão penosa ás vezes como a realidade; muitas vezes também, é uma comparação pela qual, á falta de melhor, exprimem a sua situação. Quando se lembram do corpo experimentam uma certa impressão, como quando ao deixardes um manto suppondes ainda trazel-o por algum tempo.»

Ensaio theorico sobre a sensação dos espiritos

257. O corpo é o instrumento da dói, da qual elle é, sinão a causa primaria, pelo menos a causa immedia. A alma tem a percepção d'essa dói, percepção que é um efeito. A lembrança que a alma conserva della pôde ser muito penosa, mas não tem acção physica. Com efeito, o frio e o calor não podem desorganizar os tecidos da alma; a alma não pôde congelar-se ou abraçar-se. Não vêmos todos os dias a ideia ou a apprehensão de um mal physico produzir o efeito da realidade e occasionar mesmo a morte? Todos sabem que as pessoas, de quem se amputa qualquer membro, sentem dôres nessa parte do corpo que já não existe. Seguramente não é esse membro a séde da dói, nem mesmo o seu ponto de partida: o cerebro foi que conservou a impressão, e nada mais. Podemos portanto imaginar alguma coisa analoga nos sofrimentos do espirito depois da morte do corpo. O estudo mais profundo do perispírito, que desempenha tão importante papel em todos os phenomenos espiritas quaejam as apparições vaporosas ou tangiveis; o estado do

espirito no momento da morte; a ideia tão frequente de que ainda está vivo; o quadro tão impressionante dos suicidas, dos suppliciados, e dos que viveram absorvidos nos gozos materiaes, e muitos outros factos — veio lançar luz sobre esta questão e deu lugar a explicações, cujo resumo é o seguinte:

O perispírito é o laço que liga o espirito á matéria do corpo; é tirado do meio ambiente, do fluido universal, e participa simultaneamente da electricidade, do fluido magnetico e, até certo ponto, da matéria inerte. Poderíamos dizer que é a quintessencia da matéria. E' elle principio da vida organica, mas não o da vida intellectual; a vida intellectual reside no espirito. E', além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, essas sensações são localizadas nos orgãos que lhes servem de canaes. Destruído o corpo, as sensações são geraes. Eis por que o espirito não diz que sofre da cabeça ou dos pés. E' preciso não confundir as sensações do perispírito, quando independente, com as do corpo: não podemos tomar estas ultimas sinão como termo de comparação, nunca como analogia. Desprendido do corpo, o espirito pôde sofrer, mas esse sofrimento não é do corpo, como também não é um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, visto que elle se queixa de frio ou de calor; o espirito não sofre mais no inverno do que no estio: temol-os visto passar através das chamas sem coisa alguma sentirem de penoso; donde concluimos que a temperatura lhes não causa impressão alguma. A dor que experimentam não é a dor physica, propriamente dita, mas um vago sentimento intimo, que o proprio espirito nem sempre pôde comprehendér, precisamente por essa dor não estar localizada nem ser produzida por agentes exteriores: é mais imaginaria do que real; mas não deixa de ser igualmente penosa. Entretanto ás vezes não é puramente imaginaria, como vamos ver.

Diz-nos a experiença que, na occasião da morte, o perispirito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; durante os primeiros momentos, o espirito não pôde explicar-se a sua situação; não acredita estar morto; sente-se viver; vê alli o seu corpo, sabe que é seu, mas não comprehende porque está delle separado; este estado dura enquanto existe ligação entre o corpo e o perispirito. Um suicida nos disse: Não, eu não estou morto; e acrescentava: *todavia sinto que os vermes me roem.* Ora, certamente os vermes não lhe estavam roendo o perispirito, e menos ainda o espirito; só lhe roiam o corpo. Mas como a separação do corpo e do perispirito não era completa, havia uma especie de repercussão moral que transmitia ao espirito o que se passava no corpo. Repercussão não é ainda a palavra propria, porque pôde fazer crêr um effeito muito material; era antes a visão do que se passava no corpo, ao qual o ligava ainda o perispirito que lhe produzia essa illusão tomada como a realidade. Tambah não era uma lembrança, pois que, durante a vida, não tinha sido roido pelos vermes: era um sentimento de actualidade.

Ahi se vêem as deducções que se podem tirar dos factos, quando attentamente observados. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e transmite-as ao espirito por intermedio do perispirito, que constitue, provavelmente, o que chamamos fluido nervoso. O corpo morto nada mais sente, porque nello já não ha espirito nem perispirito. O perispirito, desprendido do corpo, experimenta a sensação; mas como esta não lhe chega por um orgão limitado, torna-se geral. Ora, como realmente o perispirito não é mais que um agente de transmissão, pois que só o espirito tem consciencia da sensação, resulta que, si pudesse existir perispirito sem espirito, aquelle não sentiria mais do que sente o corpo morto, do mesmo modo que si o espirito não tivesse o perispirito, seria inac-

cessível a qualquer sensação penosa; é o que succede aos espiritos completamente depurados. Sabemos que, quanto mais elles se depuram, mais etherea se torna a essencia do perispirito, donde se segue que a influencia da materia diminue, á medida que o espirito progride; isto é, ao passo que o seu perispirito se torna menos grosseiro.

Mas, dirão, tanto as sensações agradaveis como as desagradaveis são transmittidas ao espirito pelo perispirito; ora si o espirito puro é inaccessible a umas, deve sel-o igualmente ás outras. Sim, decerto, em relação áquellas que procedem unicamente da influencia da materia que conhecemos; o som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores não lhe produzem impressão alguma, e comtudo ha nelle sensações intimas, de um encanto ineffável, das quaes podemos fazer ideia, porque, a tal respeito, somos como os cegos de nascença em relação á luz; sabemos que essas sensações existem, mas por que meio se produzem? A nossa sciencia não o alcança. Sabemos que no espirito ha percepção, sensação, audição e visão; que estas faculdades são attributos de todo o ser, e não, como no homem, de uma parte do ser; mas, repetimos, por que intermediario? Não o sabemos. Os proprios espiritos não nol-o poderiam explicar, porque a nossa linguagem é impropria para exprimir ideias que não temos, assim como na dos selvagens não ha termos para representar as nossas artes, sciencias e doutrinas philosophicas.

Quando dizemos que os espiritos são inaccessibleis ás impressões da nossa materia, referimo-nos aos espiritos muito elevados, para cujo envoltorio ethereo não ha analogia no que conhecemos. Não se dá outro tanto com aquelles cujo perispirito é mais denso; estes percebem os nossos sons e odores, mas não por uma parte limitada do seu ser, como quando estavam incarnados. Poderíamos dizer que as vibrações molecu-

lares se fazem sentir em todo o seu ser e chegam-lhes assim ao *sensorium commune*, que é o proprio espirito, ainda que de modo diferente, e talvez tambem com impressão diversa, o que produz uma modificação na percepção. Ouvem o som da nossa voz, enquanto nos comprehendam sem o auxilio da palavra, ou pela simples transmissão do pensamento, e o que vem apoiar o que dizemos é que esta penetração é tanto mais facil, quanto mais desmaterializado é o espirito.

Quanto á sua vista, sabemos que é independente da nossa luz. A faculdade de vêr é attributo essencial da alma; para ella não ha obscuridade: é, porém, mais extensa e penetrante naquellas que se acham mais purificadas. A alma, ou o espirito, tem, por conseguinte, em si mesma a faculdade de todas as percepções; na vida corporal essas percepções são obliteradas pela materia grosseira dos nossos orgãos, obliteração que, na vida extra-corporal, vae diminuindo á medida que o envoltorio semi-material se rarefaz.

Este envoltorio, tirado do meio ambiente, varia segundo a natureza dos mundos. Ao passarem de um mundo a outro, os espíritos mudam de involucro, como nós mudamos de vestuario ao passarmos da estação do inverno para a do verão, ou dos climas polares para os do equador. Os espíritos mais elevados revestem o perispírito terrestre quando vêm visitar-nos, e desde então as suas percepções operam-se como nos espíritos vulgares; mas todos elles, tanto inferiores como superiores, só ouvem e sentem o que querem ouvir e sentir. Embora não tenham orgãos sensitivos, podem á vontade tornar as suas percepções activas ou nullas; a unica coisa que são forçados a ouvir são os conselhos dos bons espíritos. A vista é sempre activa, mas podem reciprocamente tornar-se invisíveis uns aos outros. De harmonia com o seu grau de elevação, podem esconder-se dos que lhes são inferiores, mas nunca dos que lhes são superiores. Nos

primeiros momentos seguintes á morte, a vista do espirito é sempre turva e confusa; vae-se aclarando á medida que elle se desprende, e pôde adquirir a mesma clareza que tinha durante a vida, independentemente da sua penetração atravez dos corpos, para nós opacos. Quanto á sua extensão atravez do espaço infinito, no futuro e no passado, depende do grau de pureza e elevação do espirito.

Toda essa theoria, dirão, tem pouco de animadora. Pensavamos que, uma vez desembaraçados do nosso involucro grosseiro, instrumento das nossas dores, acabar-se-nos-iam os sofrimentos e afinal vindes dizer-nos que ainda continuaremos a sofrer, pois é claro que, quer seja deste ou daquelle modo, sempre será sofrer. Oh! sim, podemos ter ainda que sofrer muito e por muito tempo; mas tambem podemos evitá-lo, mesmo desde o instante em que deixamos a vida corporal.

Os sofrimentos deste mundo são algumas vezes independentes de nós, mas muitos são consequencias da nossa vontade. Remontemos á sua origem e veremos que o maior numero delles procede de causas que poderíamos ter evitado. Quantos males, quantas enfermidades não deve o homem aos excessos, á ambição, numa palavra, ás suas más paixões? O homem que vivesse sempre sobriamente, que de nada abusasse, e fosse sempre simples nos seus gostos e modesto nos desejos, poupar-se-ia muitas tribulações. O mesmo sucede ao espirito: os seus sofrimentos são sempre a consequencia do modo como viveu na terra; por certo que não padecerá já de gotta nem de rheumatismo, mas terá outros sofrimentos, que não são melhores do que aquelles. Vimos já que os seus sofrimentos são o resultado da ligação ainda existente entre elle e a materia; que quanto mais liberto está da influencia da materia, ou por outra, quanto mais desmaterializado está, menos sensações penosas tem; ora, depende delle o libertar-se dessa influencia logo desde esta

vida; tem o livre arbitrio, e, por consequencia, a escolha das suas accções; que dome as paixões animaes, e repilla de si o odio, a inveja, o ciume e o orgulho; não se deixe dominar pelo egoismo; purifique a sua alma por meio de bons sentimentos; faça o bem; não ligue ás coisas deste mundo maior importancia do que merecem, e então, mesmo ainda sob o envoltorio corporal, já estará depurado e desprendido da materia, e, ao abandonar esse envoltorio, já não lhe sofrerá a influencia. Procedendo assim, os sofrimentos por que passou não lhe deixarão a menor lembrança penosa; delles não lhe restará nenhuma impressão desagradavel, porque só affectaram o corpo e não o espirito: será feliz por se vêr livre delles, e a tranquillidade da sua consciencia isental-o-á de todo o sofrimento moral. Interrogamos milhares de espiritos, sahidos de todas as classes da sociedade, de todas as posições sociaes; estudamol-os em todos os periodos da sua vida espirita, desde o instante em que abandonaram o corpo; seguimol-os passo a passo nessa vida de além-tumulo para observar as mudanças que se operavam nelles, nas suas ideias, nas suas sensações, e sob este ponto não foram os homens mais vulgares que nos forneceram assumtos de estudo menos precioso. Ora, vimos sempre que os sofrimentos estão em relação com a conducta, de que elles soffrem as consequencias, e que essa nova existencia é uma fonte de ineffavel felicidade para aquelles que seguiram o bom caminho, donde se segue que os que soffrem é porque assim o quizeram e que, tanto no outro mundo, como neste, não devem queixar-se sinão de si proprios.

Escolha das provas

258. Na erraticide, antes de emprehender nova existencia corporal, o espirito tem consciencia e

previsão do que lhe ha de acontecer no decurso dessa existencia?

«Elle proprio escolhe o genero de provas que quer soffrer, e é nisto que consiste o livre arbitrio.»

— Mas então não é Deus quem lhe impõe as tribulações da vida como castigo?

«Nada acontece sem a permissão de Deus, pois foi elle quem estabeleceu todas as leis que regem o universo. Perguntareis agora por que razão estabeleceu uma lei de preferencia a outra? Dando ao espirito a liberdade da escolha, deixa-lhe toda a responsabilidade dos seus actos e consequencias. Nada lhe embaraca o futuro; tanto lhe é permitido seguir o caminho do bem como o do mal. Si succumbe, resta-lhe a consolação de que não está tudo acabado para elle, visto que Deus, em sua bondade, lhe deixa a liberdade de recomendar o que não executou como devia. Demais, é preciso distinguir o que é obra da vontade de Deus do que é obra da vontade do homem. Si um perigo vos ameaça, não fostes vós que o creastes, foi Deus; mas podeis ter a vontade de vos expordes a esse perigo, por terdes visto nelle um meio de progresso, e Deus o permitte.»

259. Si o espirito tem a escolha do genero de provas que deve soffrer, segue-se que todas as tribulações por que passamos na vida foram previstas e escolhidas por nós?

«Todas não é o termo rigoroso, pois não si pôde dizer que haveis escolhido ou previsto, até as coisas de menor importancia, tudo o que vos acontece no mundo; escolhestes o genero de provas: os incidentes circumstanciaes são consequencia da posição que occupaes e, muitas vezes, dos vossos proprios actos. Si o espirito quiz nascer entre malfeiteiros, por exemplo, sabia a que arrastamentos se expunha, mas não previa cada um dos actos que viria a praticar; esses actos são o efecto da sua vontade e livre arbitrio. O

expiar tales culpas, e nas quais possa avançar mais rapidamente. Uns preferem vida de miseria e privações para tentarem suportá-la com coragem; outros querem experimentar as tentações da fortuna e do poder, muito mais perigosas pelo abuso e mau uso que delles se pôde fazer como pelas más paixões que desenvolvem; outros finalmente, vão procurar ocasião de triumpharem collocando-se em contacto com o vício e luctando contra elle.»

265. Si certos espiritos escolhem o contacto com o vício como provação, não haverá outros que façam essa escolha por sympathy e desejo de viverem num meio conforme aos seus gostos, ou para poderem entregar-se materialmente ás suas propensões?

«Ha alguns, é certo, mas só entre aquelles cujo senso moral está ainda pouco desenvolvido; a provação virá por si mesma e terão que a sofrer por mais tempo. Cedo ou tarde comprehendem que a sociedade das paixões brutas tem para elles consequencias deploraveis, que sofrerão durante um tempo por elles supposto eterno; e Deus deixa-os nesse estado até que reconheçam as suas faltas e peçam para resgatal-as mediante provações proveitosas.»

266. Não parece natural que sejam escolhidas as provas menos penosas?

«Para vós, sim; para o espirito, não; quando elle está desprendido da materia, a illusão cessa, e então pensa diversamente.»

O homem, na terra, sob a influencia das ideias materiaes, só vê o lado penoso das provações; é por isso que lhe pareceria natural só se escolhessem aquellas que, no seu modo de apreciar, se podem alliar aos gozos materiaes; na vida espiritual, porém, compara esses gozos fugitivos e grosseiros com a felicidade inalterável que entrevê, e, para alcançá-la, aceita contente esses ephemeros sofrimentos. O espirito pôde, pois, escolher a mais rude provação, e, por consequencia, a mais penosa existencia, com esperança de chegar mais depressa a um estado melhor, como o enfermo escolhe muitas vezes o remedio

mais desagradavel para se curar mais rapidamente. Aquelle que quer ligar o seu nome á descoberta de um paiz desconhecido não escolhe um caminho atapetado de flores; sabe os perigos a que se expõe, mas tambem a gloria que o espera, si triunfar.

A doutrina da liberdade na escolha das nossas existencias e das provas por que devemos passar, deixa de parecer extraordinaria desde que consideremos que os espiritos, uma vez libertos da materia, apreciam as coisas de modo diferente do nosso. Divisam o fim e reconhecem que esse fim é muito mais elevado para elles do que os gozos fugitivos deste mundo; depois de cada existencia vêm quanto avançaram e comprehendem o que ainda lhes falta em pureza para o alcançarem; eis porque se submettem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corporal, pedindo ainda aquellas que os possam fazer avançar com mais presteza. Não é, pois, de admirar que o espirito não prefira sempre as existencias suaves. Elle sabe que, no seu estado de imperfeição, não pôde gozar de uma vida isenta de amarguras; mas entrevê-a, e, para alcançá-la, procura melhorar-se.

Não estamos vendo todos os dias exemplos semelhantes? O homem que durante uma parte da vida trabalha sem treguas nem descanso para ajudar o necessário ao seu bem-estar, não se impõe uma tarefa com o fim de obter melhor futuro? O militar que se oferece para uma missão perigosa, o viajante que affronta graves perigos no interesse da sciencia ou da fortuna, que fazem sinão sujeitar-se a provações voluntarias das quais, si triumpharem, lhes venha honra ou proveito? A que si não submette e expõe o homem visando o interesse ou a gloria? Os concursos não são também provas voluntarias a que o homem se sujeita com o fim de ascender na carreira escolhida? Não se adquire uma posição social transcendente nas sciencias, nas artes ou na industria, sinão passando pelas posições inferiores, que são outras tantas provas. A vida humana é assim uma imagem da vida espiritual; nella encontramos, em ponto pequeno, todas as mesmas peripecias. Si, pois, na vida humana, escolhemos muitas vezes as provações mais rudes com o desejo de chegarmos a um fim mais elevado, por que razão o espirito, que distingue mais longe e para quem a vida corporal não é mais que um incidente fugitivo, não ha de escolher uma existencia penivel e laboriosa, quando nella veja o meio de alcançar a felicidade eterna?

O que dizem que, si ao homem fosse dado escolher o modo da sua existencia, todos seriam príncipes ou milionários, são como os myopes que só vêem aquillo em que tocam, ou como os meninos gulosos, que, quando se lhes pergunta que profis-

são preferem, respondem que querem ser pastelleiros ou confeiteiros.

Nessas diversas phases, o espirito é como o viajante que, no fundo dum valle obscurecido pelo nevoeiro, não vê a extensão nem os pontos extremos do seu trajecto, mas, chegado ao vertice da montanha, pôde então avaliar o caminho que percorreu e o que ainda lhe falta percorrer; vê o ponto a que se destina, os obstaculos que ainda tem a vencer, e pôde mais seguramente planear os meios de lá chegar. A situação do espirito incarnado é comparável á do viajante que se acha na base da montanha; a perspectiva muda para aquelle, quando desligado dos laços terrestres, como para este, si se transportar ao alto da montanha. Para o viajante, o fim é o repouso depois da fadiga; para o espirito, é a felicidade suprema depois das provas e tribulações.

Todos os espíritos dizem que, na erraticidade, investigam, estudam e observam para depois fazerem a sua escolha. Não temos também um exemplo deste facto na vida corporal? Não buscamos, muitas vezes durante annos, a carreira que depois livremente adoptamos por julgarmos-a mais apropriada á consecução do que pretendemos? Se nos falha uma, tentamos outra. Cada carreira que abraçamos é uma phase, um periodo da vida. Em cada dia planejamos o que devemos fazer no dia seguinte. Ora o que são para o espirito as diferentes existências corporaes senão phases, periodos, dias da sua vida espiritual que é, como sabemos, a vida normal, pois que a vida corporal é transitoria e passageira?

267. O espirito poderia fazer a sua escolha durante a vida corporal?

« Pôde influir nella pelo seu desejo: depende da intenção; mas, no estado de espirito, elle vê ás vezes as coisas de modo muito differente. E' só o espirito quem faz essa escolha, mas, repito, é possivel fazel-a durante a vida material, pois o espirito sempre tem momentos em que se subtrai á influencia da materia em que habita. »

— Ha muita gente que deseja as grandezas e as riquezas, mas certamente não as deseja como expiação nem como prova?

« Sem duvida; é a materia que as deseja para seu gozo, e é o espirito que as quer para lhes conhecer as vicissitudes. »

268. O espirito tem de passar constantemente por diversas provas até chegar ao estado de pureza perfeita?

« Sim, mas essas provas não são como as entendes; chamaes provas ás tribulações materiaes; ora, chegado o espirito a certo grau, comquanto não seja ainda perfeito, já não tem provas dessas a soffrer; tem, porém, sempre deveres a cumprir, que o auxiliam no seu aperfeiçoamento e que nada têm de penoso para elle, como, quando mais não seja, o de ajudar os outros a aperfeiçoarem-se tambem. »

269. O espirito pôde enganar-se quanto á effacia da provação que escolheu?

« Pôde escolher uma provação superior ás suas forças, e então succumbe; tambem pôde escolher alguma que em nada lhe aproveite, como, por exemplo, elegendo um genero de vida ocioso e inutil; mas nesse caso, logo que volta ao mundo espiritual, consegue que nada ganhou, e pede para reparar o tempo perdido. »

270. De que dependem as vocações de certas pessoas e a sua vontade de seguirem uma carreira de preferencia a outra?

« Parece-me que vós mesmo podeis responder a essa pergunta. Não será consequencia de tudo quanto já dissemos a respeito da escolha das provas e do progresso realizado em uma existencia anterior?

271. Si o espirito estuda na erraticidade as diversas condições em que poderá progredir, como julga elle poder fazel-o nascendo, por exemplo, entre povos canibaes?

« Não são espíritos já adiantados os que nascem entre os canibaes, mas espíritos da mesma categoria dos canibaes ou que lhes são ainda inferiores. »

Sabemos que os nossos antropophagos não estão no mais baixo grau de escala, e que ha mundos onde o embrutecimento e a ferocidade são ainda maiores. Esses espíritos são, ainda

inferiores aos mais inferiores do nosso mundo, e o virem viver entre os nossos selvagens é já para elles um progresso, como progresso seria para os nossos antropophagos o exercerem entre nós uma profissão que os obrigasse a derramar sangue. Si elles não visam mais alto é porque a sua inferioridade lhes não permite comprehendêr um progresso mais completo. O espirito só pôde avançar gradualmente; não pôde transpor de um salto a distância que separa a barbaria da civilização, e nisto se nos patenteia uma necessidade da reincarnação bem verdadeiramente conforme a justiça de Deus. De outro modo, que seria desses milhões de seres que todos os dias morrem no ultimo estado de degradação, si lhe não fossem dados os meios de attingirem a superioridade? Por que razão Deus os havia de privar dos favores concedidos aos outros homens?

272. Espiritos vindos de um mundo inferior á terra, ou de um povo muito atrasado, como os canibais, poderiam nascer entre os nossos povos civilizados?

« Sim, ha alguns que se transviam por quererem subir muito alto; mas então acham-se deslocados entre vós, porque têm costume e instintos que discordam dos vossos ».

São esses seres que nos dão o triste especfáculo da ferocidade no meio da civilização; voltar para o meio dos canibais, não seria para elles retrocesso: não fariam mais que retomar o seu lugar, e talvez ainda ganhassem com isso.

273. Um homem que tivesse pertencido a uma raça civilizada, poderia, por expiação, ter de reincarnar em uma raça selvagem?

« Sim, mas isso depende do genero da expiação; um senhor que tenha sido cruel para com os seus escravos pôde, a seu turno, tornar-se escravo e sofrer maus tratos como os que houvessem infligido aos outros. Aquelle que teve o mando em uma época pôde, em nova existencia, vir a obedecer áquelles mesmas que se curvaram á sua vontade. E' uma expiação que Deus lhe poderia impôr, quando abusasse do seu poderio. Um bom espirito tambem pôde escolher uma existencia

influente entre esses povos para os fazer adiantar, mas neste caso é uma missão ».

Relações d'além-tumulo

274. As diferentes ordens de espíritos estabelecem entre estes hierarchia de poderes, isto é, subordinação e autoridade?

« Sim, muito grande; os espíritos têm uns sobre os outros autoridade relativa á sua superioridade e que exercem por ascendente moral irresistivel ».

— Os espíritos inferiores podem subtrahir-se á autoridade daquelles que lhes são superiores?

« Eu disse irresistivel ».

275. O poder e a consideração de que um homem gozou na terra dão-lhe alguma supremacia no mundo espiritual?

« Não; porque lá os pequenos serão exaltados e os grandes serão humilhados. Lê os psalmos ».

— Como devemos entender esse exaltamento e essa humilhação?

« Não sabes que os espíritos são de ordens diferentes segundo o seu merito? Pois bem! O maior da terra pôde ser da ultima classe entre os espíritos, ao passo que o seu proprio servo pôde ser da primeira. Comprehendeis? Não disse Jesus que aquelle que se humilhasse seria exaltado, e aquelle que se elevasse seria humilhado? »

276. Aquelle que foi grande na terra e que se acha inferior entre os espíritos, sente-se por isso humilhado?

« A's vezes muito, principalmente quando foi orgulhoso e invejoso ».

277. O soldado que, depois da batalha, encontra o general no mundo espiritual, reconhece-o ainda por seu superior?

« O titulo nada vale: a superioridade real é tudo ».

278. Os espiritos das diferentes ordens confundem-se uns com os outros?

«Sim e não; isto é, vêem-se, mas distinguem-se uns dos outros. Distanciam-se ou aproximam-se, segundo a antipathia ou analogia dos seus sentimentos, como acontece entre vós. *E' um mundo completo, do qual o vosso é pallido reflexo.* Os da mesma ordem reunem-se por uma especie de affinidade, e formam grupos ou familias de espiritos unidos pela sympathia e fins a que se propõem: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vorgonha de suas faltas ou necessidade de se acharem entre seres que se lhes assemelham.»

É qual grande cidade, onde os homens de todas as classes e condições se vêem e se encontram sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde o vicio e a virtude se acotovelam sem se corresponderem.

279. As reuniões de espiritos das varias ordens são accessíveis a todos os outros espiritos?

«Os bons vão a toda a parte, e é necessário que assim seja para poderem exercer a sua influencia sobre os maus; mas as regiões habitadas pelos bons são interdictas aos espiritos imperfeitos, afim de que estes ahí não levem a perturbação das más paixões.»

280. Qual a natureza das relações entre os bons e os maus espiritos?

«Os bons procuram combater as más inclinações dos maus, afim de os ajudarem a subir; é uma missão.»

281. Porque é que os espiritos inferiores se comprazem em nos arrastar ao mal?

«Por despeito de não terem merecido um logar entre os bons. E' seu desejo impedir, quanto possível, que os espiritos ainda inexperientes alcancem o bem supremo; querem que os outros soffram o que elles soffrem. Não sucede isto tambem entre vós?»

282. Como se communicam os espiritos entre si?

«Vêem-se e comprehendem-se; a palavra é material: é reflexo do espirito. O fluido universal establece entre elles uma comunicação constante; é o veículo da transmissão do pensamento, como para vós o ar é o veículo do som; especie de telegrapho universal que liga todos os mundos e permitte aos espiritos corresponderem-se de um mundo a outro.»

283. Os espiritos podem reciprocamente dissimular-se os pensamentos, occultá-los uns aos outros?

«Não; para elles tudo está a descoberto, sobretudo quando já são perfeitos. Podem distanciar-se, mas sempre se vêem. Entretanto, isto não é regra absoluta, pois certos espiritos podem muito bem tornar-se visíveis para outros, si assim o julgarem util.»

284. Como é que os espiritos, que já não têm corpo, podem certificar a sua identidade e distinguir-se dos outros seres individuaes que os rodeiam?

«Certificam a sua identidade pelo perispirito, que os torna seres distintos uns dos outros, como acontece com os corpos entre os homens.»

285. Os espiritos que coabitaram na terra, que foram amigos ou fizeram parte da mesma familia, reconhecem-se na vida espiritual?

«Sim, e de geração em geração.»

— Como é que aquelles que se conheceram na terra se reconhecem no mundo espiritual?

«Nós vemos a nossa vida passada, e nella lemos como em um livro; vendo o passado dos nossos amigos e inimigos, vemos a sua passagem da vida á morte.»

286. Quando a alma deixa o seu despojo mortal, vê imediatamente os seus parentes e amigos que a precederam no mundo espiritual?

«Nem sempre imediatamente, porque, como já dissemos, é-lhe preciso algum tempo para reconhecer o seu estado e sacudir o véo material que a obscurece.»

287. Como é recebida a alma ao voltar ao mundo dos espíritos?

«A do justo, como o irmão amado que se esperava há muito tempo; a do mau, como o ente que se despreza.»

288. Que sentimento experimentam os espíritos impuros ao verem chegar um outro espírito mau?

«Ficam satisfeitos por verem um ser que se lhes assemelha e que, como elles, está privado da verdadeira felicidade, como entre vós os borbantes se alegram com o encontro de um dos seus.»

289. Os nossos parentes e amigos vêm ao nosso encontro quando deixamos a vida terrena?

«Sim, adiantam-se ao encontro da alma que amam; felicitam-na como na volta de uma viagem, si ella escapou aos perigos da jornada, e ajudam-na a desembalar-se dos laços corporaes. É um favor para os bons espíritos quando os que os amaram vêm receber-lhos, ao passo que o impuro fica no isolamento ou só si vê rodeado de outros como elle — o que constitue uma punição.»

290. Os espíritos de parentes e amigos conservam-se sempre reunidos?

«Depende da sua elevação e do caminho que seguem para o progresso. Si um delles estiver mais adiantado e caminhar mais depressa que o outro, não poderão ficar juntos; poderão vêr-se algumas vezes, mas só estarão sempre juntos quando puderem marchar ao lado um do outro, ou quando tiverem atingido o mesmo grau de perfeição. Além de que, a privação de vêr parentes e amigos é algumas vezes punição.»

Relações sympatheticas e antipathicas dos espíritos. Metades eternas.

291. Além da sympathy geral por affinidade, ha entre os espíritos outras affeições particulares?

«Sim, como entre os homens; mas a affeção que une os espíritos é mais forte quando o corpo está ausente, porque já não estão expostos ás vicissitudes das paixões.»

292. Os espíritos têm odios entre si?

«Só ha odios entre os espíritos impuros, e são elles os que insuflam entre vós as inimizades e as dissensões.»

293. Dois seres que tenham sido inimigos na terra conservam resentimentos no mundo espiritual?

«Não; comprehenderão que o seu odio era estulto e o motivo pueril. Sómente os espíritos imperfeitos conservam certas animosidades, enquanto se não depuram. Si foi apenas um interesse material que os separou, por pouco desmaterializados que ainda estejam, não pensarão mais nisso. Se não houver antipathia entre elles e tiver desaparecido o motivo da discordia, poderão reatar com prazer as antigas relações.»

Como dois estudantes que, chegados á idade da razão, reconheçam a puerilidade das questões que tiveram na infancia e deixem de querer mal um ao outro.

294. A recordação das más acções que dois homens tenham praticado reciprocamente, é-lhes obstáculo á mutua sympathia?

«Sim; leva-os a se afastarem.»

295. Que sentimento experimentam depois da morte aquelles a quem na terra fizemos mal?

«Quando bons, perdoam segundo o vosso arrependimento. Quando maus, podem conservar resentimento e, ás vezes, perseguir-vos até em outra existencia. Deus pôde permitir isso como castigo.»

296. As affeções individuaes dos espíritos são susceptíveis de alteração?

«Não, porque nesse sentido elles não podem enganar-se; estão privados da mascara com que se envolve a hypocrisia, e por isso as affeções dos espíritos

puros são inalteraveis. O amor que os une é para elles fonte de suprema felicidade.»

297. O affecto que dois seres se votaram na terra continua no mundo dos espíritos?

« Sem duvida, quando fundado em sympathia verdadeira; mas si as causas physicas têm n'elle maior parte do que a sympathia, então desaparece com a causa. As affeções entre os espíritos são mais solidas e duraveis do que na terra, porque não estão subordinadas ao capricho dos interesses materiaes e de amor proprio.»

298. As almas que se devem unir são desde a sua origem predestinadas a essa união? Tem cada um de nós, em algum ponto do universo, a sua metade a que um dia ha de fatalmente reunir-se?

« Não; não existe união particular e fatal entre duas almas. A união existe entre todos os espíritos, mas em graus differentes, segundo a posição que ocupam, isto é, segundo a perfeição que adquiriram; quanto mais perfeitos, mais unidos. Da discordia nascem todos os males da humanidade, e da concordia resulta a felicidade completa.»

299. Em que sentido deve considerar-se a palavra *metade*, de que se servem certos espíritos para designar os espíritos sympatheticos?

« A expressão é inexacta; si um espírito fosse a metade de outro, quando separados seriam incompletos.»

300. Dois espíritos perfeitamente sympatheticos, uma vez reunidos, permanecerão assim eternamente, ou poderão separar-se e unir-se a outros espíritos?

« Todos os espíritos são unidos entre si; refiro-me aos que já attingiram a perfeição. Nas esferas inferiores, quando um espírito se eleva, deixa de sentir a mesma sympathia por aquelles que deixou.»

301. Dois espíritos sympatheticos são o complemento um do outro, ou essa sympathia é apenas o resultado de uma identidade perfeita?

« A sympathy que atrai um espírito para outro é resultante da perfeita concordancia das suas inclinações e instintos; si um tivesse de completar o outro, perderia a sua individualidade.»

302. A identidade necessaria para a sympathy perfeita consiste sómente na semelhança de pensamentos e sentimentos, ou tambem na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?

« Na igualdade dos graus de elevação.»

303. Os espíritos que hoje não são sympatheticos poderão vir a sel-o mais tarde?

« Sim; todos o serão um dia, porque o espírito que hoje está em uma esfera inferior chegará, aperfeiçoando-se, á esfera em que reside outro que lhe é actualmente superior. O seu encontro terá lugar mais depressa, si o espírito mais adiantado, suportando mal as provações a que está submetido, se conservar no mesmo estado.

— Dois espíritos sympatheticos podem deixar de ser?

« Certamente, si um delles fôr preguiçoso.»

A theoria das metades eternas é uma figura da união de dois espíritos sympatheticos; é uma expressão usada mesmo na linguagem vulgar, por isso não devemos tomar-a ao pé da letra; seguramente os espíritos que della se têm servido não pertencem a uma ordem elevada; a esfera das suas ideias é necessariamente limitada, e elles exprimiram o pensamento pelos termos de que se tinham servido durante a vida corporal. Deve-se, pois, rejeitar a ideia de dois espíritos criados um para o outro e devendo um dia unir-se fatalmente para a eternidade, depois de terem estado separados por tempo mais ou menos longo.

Recordação da existencia corporal

304. O espírito recorda-se da sua existencia corporal?

« Sim, isto é, tendo vivido diversas vezes como ho-

mem, lembra-se do que tem sido, e assevero-vos que, algumas vezes, ri-se com pena de si mesmo.»

Tal o homem que attingiu a idade de razão rindo-se das loucuras da mocidade ou das puerilidades da infancia.

305. A lembrança da existencia corporal apresenta-se ao espirito inopinadamente e de modo completo depois da morte?

«Não; vem-lhe pouco a pouco, como coisa que se destaca de um nevoeiro, e á medida que nella fixa a sua attenção.»

306. O espirito lembra-se detalhadamente de todos os acontecimentos da sua vida, abrange-a toda num lance de vista retrospectivo?

«Recorda-se das coisas na razão das consequencias que elles tem para seu estado de espirito, mas comprehendeis que ha circumstancias da sua vida ás quaes não liga importancia alguma e de que nem mesmo procura lembrar-se.»

— Mas poderia recordal-as caso quizesse?

«Pôde lembrar-se minuciosamente de todos os detalhes e incidentes, tanto dos acontecimentos como até dos pensamentos, mas, não lhe achando utilidade, não o faz.»

— Entrevê elle o fim que tem a vida terrestre em relação á vida futura?

«Certamente que o vê e comprehende muito melhor do que quando incarnado; comprehende a necessidade da depuração para chegar ao infinito, e sabe que em cada existencia deixa algumas impurezas.»

307. Como se estampa na memoria do espirito a vida passada? E' por esforço de imaginação ou como quadro que se lhe apresente á vista?

«Uma e outra coisa; todos os actos cuja recordação lhe interessa estão para elle como si os tivesse

presentes; os outros estão mais ou menos vagamente no pensamento, ou inteiramente esquecidos. Quanto mais desmaterializado o espirito, tanto menos importancia liga ás coisas materiaes. Muitas vezes evocaes um espirito errante que acaba de deixar a terra e que, contudo, não se recorda dos nomes das pessoas a quem amava, nem de muitas outras particularidades que vos parecem importantes: é porque pouco lhe importam, e, assim, caem no esquecimento. O que elle recorda bem são os factos principaes que concorreram para o seu melhoramento.»

308. O espirito lembra-se de todas as existencias que precederam a que acaba de deixar?

«Todo o passado se desenrola ante elle como ao viajante as pousadas do seu percurso; mas, como dissemos, não se recorda de modo absoluto de todos os seus actos; recorda-os na razão da influencia que elles tiveram sobre o seu estado presente. Quanto ás primeiras existencias, áquellas que podem ser consideradas como a infancia do espirito, essas perdem-se no vacuo, desaparecem na noite do esquecimento.»

309. Como considera o espirito o corpo que acaba de deixar?

«Qual vestuario mau que o incommodava, folgando por se vêr livre delle.»

— Que sentimento experimenta ao vêr o corpo em decomposição?

«Quasi sempre isso lhe é indiferente; é como uma coisa que já lhe não importa.»

310. Passado tempo, o espirito reconhece os ossos ou outro qualquer objecto que lhe tenha pertencido?

«A's vezes; depende do ponto de vista, mais ou menos elevado, em que elle observa as coisas terrestres.»

311. O respeito que temos pelas coisas materiaes que pertenceram ao espirito atrai a attenção deste para tales objectos, e causa-lhe prazer esse respeito?

«E' sempre grato ao espirito que se lembrem delle; os objectos que delle conservaes dão-lhe recordações, mas é o pensamento que o attrae para vós e não esses objectos.»

312. Os espiritos conservam a lembrança dos sofrimentos por que passaram na sua ultima existencia corporal?

«Muitas vezes, e essa lembrança lhes faz apreciar melhor o valor da felicidade de que podem gozar como espiritos.»

313. O homem que foi feliz na terra tem pena, ao deixal-a, dos gozos que aqui disfrutava?

«Só os espiritos inferiores lamentam a falta de prazeres que se coadunam com a sua natureza impura, prazeres que expiam por sofrimentos. Para os espiritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferivel aos prazeres ephemeros da terra.»

Assim tambem o adulto que despreza aquillo que fazia as delicias da sua infancia.

314. Aquelle que começou grandes trabalhos com util fim e os vê interrompidos pela morte, lamenta na outra vida o havel-os deixado incompletos?

«Não, porque vê que os outros estão destinados a terminal-os. Pelo contrario, procura influenciar outros espiritos de bons sentimentos para que os continuem. Era seu fim, na terra, o bem da humanidade; proseguirá esse mesmo fim no mundo espiritual.»

315. Aquelle que deixou trabalhos de arte ou de litteratura conserva por essas obras o mesmo amor que lhes tinha em vida?

«Julga-as sob outro aspecto e conforme a sua elevação; ás vezes reprova aquillo que mais admirava.»

316. O espirito interessa-se ainda pelos trabállhos que se fazem na terra, pelo progresso das artes e das sciencias?

«Depende da sua elevação ou da missão que elle é chamado a desempenhar. O que vos parece magnifico é ás vezes de pouquissimo valor para certos espiritos; admiram-no como o sabio admira a obra dum aprendiz, mas examinam o que denota elevação e progresso nos espiritos incarnados.»

317. Os espiritos conservam, depois da morte, o amor da patria?

«E' sempre o mesmo principio; para os espiritos elevados a patria é o universo; na terra, a sua patria é onde encontram mais pessoas sympatheticas.»

A situação dos espiritos e a sua maneira de vêr as coisas variam infinitamente em razão do grau de desenvolvimento moral e intellectual. Geralmente, os espiritos de ordem elevada só fazem na terra estancias de curta duração; tudo quanto nella se faz é tão mesquinho em comparação ás grandezas do infinito, as coisas a que os homens ligam a maior importancia são tão pueris para elles, que o nosso mundo poucos attractivos lhes offerece, a não ser que aqui sejam chamados com o fim de correrem para o progresso da humanidade. Os espiritos de ordem media demoram-se entre nós mais frequentemente, com quanto considerem as coisas de ponto mais elevado do que quando estavam incarnados. Os espiritos vulgares é que aqui são, por assim dizer, sedentarios, e constituem a maioria da população do mundo invisivel; subsistem nelles, com pouca diferença, as mesmas ideias, os mesmos gostos, as mesmas inclinações que tinham sob o envoltorio corporal; intromettem-se nas nossas reuniões, nos nossos negocios e divertimentos, tomando nelles parte mais ou menos activa, conforme o seu caracter. Não podendo satisfazer as suas paixões, apreciam e excitam aquelles que a ellas se entregam. Neste numero ha alguns mais sérios, que vêem e observam as coisas do nosso mundo para se instruirem e aperfeiçoarem.

318. As ideias dos espiritos modificam-se no estado espiritual?

«Muito; passam por grandes modificações, á proporção que o espirito se desmaterializa. Pôde, em alguns casos, conservar por muito tempo as mesmas ideias, mas, pouco a pouco, a influencia da materia diminue,

e elle vê as coisas mais claramente; é então que busca os meios de se melhorar.»

319. Visto que o espirito já esteve na vida espiritual antes de se incarnar, qual o movimento da sua admiração ao voltar ao mundo espiritual?

«E' apenas o efecto da surpresa e da perturbação que acompanha o despertar; mas tarde recobra perfeitamente as ideias, á medida que lhe volta a lembrança do passado e se apaga a impressão da vida terrestre.» (136 e seguintes).

Commemoração dos finados. Funeraes

320. Os espiritos são sensíveis á lembrança daquelles a quem amaram na terra?

«Muito mais do que julgaes; essa lembrança aumenta-lhes a felicidade, quando já são felizes; enquanto são infelizes, é para elles um lenitivo.»

321. O dia da commemoração dos finados tem alguma coisa de solemne para os espiritos? Preparam-se elles para vir visitar aquelles que vão orar junto dos seus despojos?

«Os espiritos respondem ao appello do vosso pensamento, nesse como em qualquer outro dia.»

— Elles vêm nesse dia encontrar-se connosco junto das suas sepulturas?

«Concorrem ahi em maior numero nesse dia, porque maior numero de pessoas os chama, mas cada qual só vem por seus amigos e não pela multidão dos indiferentes.»

— Sob que fórmia se apresentam naquelle logar e como os veríamos, caso pudessem tornar-se visiveis?

«Sob a fórmia por que foram conhecidos em vida.»

322. Os espiritos esquecidos, aquelles cujas sepulturas ninguem vae visitar, tambem ahi concorrem, apesar disso, e sentem desgosto por não verem nenhum amigo que delles se lembre?

«Que lhes importa a terra? Só pelo coração podem ser attrahidos. Si o amor ahi os não chama, nada mais ha que os prenda a ella. Têm todo o universo por seu.»

323. A visita ao tumulo dá mais satisfação ao espirito do que uma prece feita em nossa casa?

«A visita ao tumulo é uma maneira de manifestar-se o pensamento pelo espirito ausente: é a imagem. Já vos disse: a prece é que santifica o acto da recordação; pouco importa o logar quando é feita de coração.»

324. Os espiritos das pessoas a quem se erigem estatuas ou monumentos, assistem a esses actos e vêem-nos com prazer?

«Muitos assistem, quando podem, mas são menos sensíveis a essas honras do que ao sentimento que as dictou.»

325. Como se explica o desejo de certas pessoas que querem ser enterradas em determinado logar e não em outro? Terão mais satisfação em vir a esse logar depois da morte? E essa importancia dada a uma coisa material é signal de inferioridade do espirito?

«Affeição do espirito por certos logares; inferioridade moral. Que maior importancia tem para o espirito elevado um canto da terra em relação a outro? Não sabe elle que a sua alma se reunirá áquelles que ama, ainda que os seus ossos repousem longe dos delles?»

— A reunião dos despojos mortaes de todos os membros de uma familia deve ser considerada coisa útil?

«Não; é um uso piedoso e um testemunho de sympathia por aquelles a quem se amou; ainda que essa reunião importe pouco aos espiritos, não deixa de ser util aos homens: é uma concentração de recordações.»

326. A alma, voltando á vida espiritual, é sensivel ás honras tributadas aos seus despojos mortaes?

«Quando o espirito chega a certo grau de perfei-

ção já não tem as vaidades terrestres, e comprehende a futilidade de todas essas coisas; mas, ficai sabendo, ha muitos espiritos que, nos primeiros momentos sequentes á sua morte material, experimentam grande prazer com as honras que lhes tributam, ou sensivel desgosto pelo abandono do seu involucro, porque ainda conservam alguns dos preconceitos deste mundo ».

327. O espirito assiste ao cortejo funebre?

« Muitas vezes, assiste, mas outras não sabe o que se passa por causa da perturbação em que se acha ».

— Sente-se elle lisonjeado pelo concurso de assistentes ao seu funeral?

« Mais ou menos, conforme o sentimento que ahí os leva ».

328. O espirito daquelle que acaba de morrer assiste ás reuniões dos seus herdeiros?

« Quasi sempre; Deus assim o quer para instrução delle e castigo dos culpados. E' ahí que elle julga do valor dos protestos que lhe faziam; todos os sentimentos ficam-lhe patentes, e a decepção por que passa vendo a rapacidade daquelles que partilham entre si o espolio, esclarece-o, a respeito dos sentimentos que os animam. Mas, a esses herdeiros tambem chegará a sua vez ».

329. O respeito instinctivo que o homem, em todos os tempos e no seio de todos os povos, testemunha pelos mortos, é effeito da intuição que tem da existencia futura?

« E' a sua natural consequencia; sem ella, esse respeito seria destituído de objecto ».

CAPITULO VII

VOLTA Á VIDA CORPORAL

1. Preludios da volta. — 2. União da alma e do corpo. Aborto.
- 3. Faculdades moraes e intellectuaes do homem. — 4. Influencia do organismo. — 5. Idiotisme, loucura. — 6. Da infancia. — 7. Sympathias e antipathias terrestres. — 8. Esquecimento do passado.

Preludios da volta

330. Os espiritos conhecem a época em que voltarão a ser incarnationados?

« Presentem-na, como o cego sente o fogo quando delle se aproxima. Sabem que devem retomar um corpo, como sabeis que haveis de morrer um dia, mas sem saberem quando será ».

— A reincarnação é, pois, uma necessidade da vida espirita, como a morte é uma necessidade da vida corporal?

« Certamente, assim é ».

331. Todos os espiritos se preocupam com a sua reincarnação?

« Alguns ha que não pensam nisso e nem mesmo a comprehendem; depende da sua natureza mais ou menos adiantada. Para alguns a incerteza em que se acham a respeito do seu futuro é uma punição ».